

Descobrimento terá comemoração paralela

A Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) está programando uma agenda paralela à que vem sendo elaborada pelo governo para as comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, que acontecerá no dia 22 de abril do ano 2000.

"O governo já está trabalhando, querendo mostrar só o lado bonito, escondendo os 500 anos de violência e mortes", afirmou o presidente da Coiab, Darcy Marubo, 32.

A elaboração de uma publicação com a história do massacre dos índios ainda inexistente nos registros oficiais, a denúncia sobre os povos ainda hoje mantidos em escravidão pelos brancos e a realização de eventos para discussão ampla sobre as perspectivas do futuro para os povos indígenas, além da criação do Museu Indígena da Amazônia, estão previstos na programação em Manaus.

Distante da agenda oficial que programa a ida de cerca de três mil índios a Porto Seguro, na Bahia, onde desembarcou a caravela do navegador português Pedro Álvares Cabral, a Coiab quer evitar que os índios sejam expostos como animais exóticos, visão comum que tem a maioria do povo brasileiro. "Queremos contar uma história de massacres que continua ainda hoje", assegura.

O registro do passado, com todas as letras da violência que a história oficial esconde, a análise do presente e as perspectivas para o futuro dos povos indígenas sobreviventes são principais temas da pauta da Coiab para os eventos a serem preparados. "Queremos documentar os acontecimentos de acordo com a realidade e só nós, os próprios índios, poderemos fazer isso", acredita Darcy.

Para ele, é preciso substituir as festas que se fazem hoje no Dia do Índio e Semana dos Povos Indígenas nas escolas, ensinando as crianças a se pintar como os índios, mostrando-os como seres exóticos, sem vida própria e sem direitos. "As crianças aprendem a ter uma visão errada dos índios", critica o presidente da Coiab, para quem a mudança deve começar



Darcy Marubo dirige a Coiab

pelo professor, responsável por esse tipo de ensino. Na sua opinião, é preciso formar uma nova mentalidade nos professores e crianças para que estes aprendam a respeitar os povos indígenas como seres humanos sujeitos de direitos.

No próximo ano, a agenda das organizações indígenas estará voltada completamente a este assunto para evitar que se tenha só a voz do homem branco, diz Darcy Marubo, revelando a nova visão dos índios sobre sua problemática e repetindo a tese que tem marcado sua administração na Coiab: "Não somos mais pessoas a serem conduzidas pelos brancos, temos voz própria e queremos que essa voz seja ouvida e respeitada".

Anunciando o primeiro encontro de índios com os ribeirinhos do Vale do Javari, que se dará dos dias 17 a 19 próximos, no município de São Gabriel da Cachoeira (a 858 quilômetros de Manaus), Darcy revela também eventos que acontecerão em Autazes (a 118 quilômetros de Manaus) e São Gabriel para discutir as principais questões referentes ao tema.

A conquista dos direitos negados nos cinco séculos do descobrimento do Brasil é uma tarefa difícil, reconhece o líder, mas na sua opinião, é um caminho sem retorno. "Não somos mais escravos, queremos a tecnologia, a educação, o respeito que nos têm sido negados nesses cinco séculos", finaliza.

'Festa discrimina os índios'

"Os índios precisam se apropriar das comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, tomar a palavra e contar a história com voz própria", afirmou ontem o chefe do departamento do curso de História da Universidade do Amazonas, professor Geraldo Pinheiro, 45.

Na opinião de Geraldo, a agenda oficial só vai reiterar o preconceito já existente, sem esclarecer a história de 500 anos de massacre. "Nessas festas os índios não serão os autores de sua história, mas figurantes, como se o Brasil só tivesse história com a chegada dos europeus", aponta. Segundo ele, o passado tornou-se um grande negócio gerador de lucro, por isso empresas como a Rede Globo se apropriam da data anunciando-a como uma festa, embora nunca tenha se preocupado com a sobrevivência dos índios, "hoje submetidos à miséria, doenças e fome".

Para o professor, a iniciativa dos índios não pode ser a de pedir a palavra para falar sobre os 500 anos do Descobrimento do Brasil, mas de tomá-la. "O poder, os intelectuais e os acadêmicos têm sempre confiscado a palavra dos índios, falado por eles, mas isso deve ser diferente", acredita, advertindo que com a palavra o índio vai poder mostrar que no ano de 1.500 o que aconteceu no

Brasil não foi descoberta, mas sim uma invasão. "O índio tem sua história e deve contá-la por sua visão".

Geraldo defende a desmistificação da agenda oficial dos 500 anos e acha importante que os índios estejam preocupados com isso. Infelizmente, considera que, na prática, isso seja um processo demorado na medida em que as escolas ainda tratam os índios com preconceito, ignorando completamente a sua resistência e criando uma ilusão que agrava ainda mais a atual situação de miséria a que estão submetidos os povos. "Eles não conhecem o índio real". Mas garante que a desodorização (retirar o odor) é uma estratégia oficial que deve ser quebrada pelos índios. "Devemos informar e formar a população para reduzirmos os preconceitos. A sociedade precisa ver o índio como sujeito de direitos", entende.

Geraldo afirma, ainda, que a Universidade do Amazonas tem uma dívida histórica com os índios, "por ter se mantido de costas para sua problemática durante muito tempo". Mas aponta nas iniciativas tímidas como a criação do Museu Amazônico e algumas pesquisas um sinal positivo que, no entanto, precisa ser incentivado. "A universidade tem que ousar mais nessa área", diz.

Cimi contesta versão oficial

Para o coordenador do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Miguel Feeney, 54, o que houve no Brasil, há cerca de 500 anos, foi uma invasão européia, e não descobrimento.

Feeney cobra a demarcação das terras indígenas brasileiras e destaca a iniciativa da Coiab ao ter agenda própria para as comemorações da data. "Apesar da violência imposta aos índios nestes cinco séculos, eles demonstram, ao propor uma agenda, que querem ser protagonistas de sua história".

Feeney afirma que o europeu nunca soube se relacionar com os povos indígenas, fato que se repete com os governos do País. "O branco sempre chegou com projetos prontos, sem discutir com os povos ou mesmo ouvir sua opinião e o resultado é o fracasso de todas as iniciativas do governo nas áreas".

Segundo o coordenador, os índios não se interessam por

monumentos como o que o governo quer construiu na Bahia, em homenagem ao descobrimento.

Afirmando que os índios brasileiros vivem uma realidade de fome e miséria, Miguel lembra que o orçamento da Fundação Nacional do Índio (Funai) é irrisório e insuficiente para atender às mínimas necessidades dos povos. "O governo Fernando Henrique divulga, no exterior, as demarcações que ainda não ultrapassam 50% das terras indígenas", critica.

Ele destaca as discussões empreendidas pelas lideranças indígenas sobre a auto-sustentação dos povos. "Essa é uma preocupação cada vez mais comum à medida em que a caça e a pesca são cada vez mais difíceis". A sobrevivência na floresta, sem cair na tentação de entrar no sistema do branco, é um assunto muito importante discutido pelas lideranças. "Esse é um desafio para os povos", comenta.

Acritica
14/4/98 A3
14